

## [CELULOSE]

### KLABIN LANÇA NOVA PLANTA

Em 2014, a pequena cidade de Ortigueira, no Paraná, deverá abrigar uma das fábricas de celulose mais “verdes” do mundo – promete a Klabin. A empresa prevê o início das obras de sua nova planta até o fim deste ano, com capacidade inicial de fornecer 1,5 milhão de toneladas de celulose ao ano. Isso fará da fábrica a maior do mundo em produção do material a partir de dois tipos de árvores: pinus e eucalipto. Será também a única unidade do País capaz de atender o mercado interno e externo. O diferencial do empreendimento de R\$ 6,6 bilhões, no entanto, será a sua autossuficiência energética e o trato com a comunidade do município de 23 mil habitantes.

Ao mesmo tempo que produz celulose, a fábrica faz a queima de cascas de árvores e o vapor produzido vira energia elétrica para as máquinas. A previsão é de que, dentro de cinco anos, essa planta esteja gerando 270 MW de energia elétrica. Como as máquinas necessitam de apenas 150 MW para funcionar, o restante será disponibilizado para a rede elétrica local. A empresa já tem outras fábricas que usam a biomassa como fonte de sua energia elétrica, mas nenhuma que gere mais do que demanda.

“A maior prova de sustentabilidade é a aprovação da população local”, diz Arthur Canhisares, diretor industrial da unidade de Monte Alegre da Klabin, ao se referir à audiência pública realizada com os habitantes, em julho, para a aprovação do projeto. Representantes da Klabin apresentaram o que será a nova unidade, esclareceram dúvidas e ouviram opiniões.

Além da criação de ao menos 1.200 empregos diretos, a Klabin pretende criar um Fundo de Participação do Município no qual depositará parte de seus lucros. Desse valor, metade ficará em Ortigueira e a outra metade será dividida entre os 11 municípios da região paranaense de Campos Gerais.

“É uma região pobre, com o pior IDH do estado e, por isso mesmo, a expectativa de desenvolver a economia local é alta”, diz José Totti, diretor florestal da Klabin. (**Thais Herrero viajou ao Paraná a convite da Klabin**)

## OLHA ISSO!

### POR QUE ADENSAR

Vivemos em um mundo predominantemente urbano. Desde 2007, impulsionado pelo processo de industrialização nos países em desenvolvimento, a maioria dos habitantes do planeta mora nas cidades. Após o rápido adensamento das metrópoles americanas e europeias no século XIX as cidades passaram a ser associadas com doença, poluição, violência e outras instâncias de mal-estar da civilização. Hoje maior densidade já é entendida como um fator para promoção de comunidades agradáveis para se viver, de oportunidades econômicas, e também da sustentabilidade.

O físico teórico Geoffrey West, que trabalha em um modelo científico das cidades, calcula que elas receberão 1 milhão de novos habitantes a cada semana até 2050, quando três quartos da população mundial passarão a ser urbanos. Esta pode ser uma boa notícia: pegando emprestado da Biologia o conceito de alometria, o físico argumenta que as cidades “melhoram seu metabolismo” (economia de escala) à medida que crescem, pois requerem menos recursos *per capita*. West nos lembra, porém, que cidades são “redes sociais”, e o aumento das interações entre as pessoas em grandes aglomerações urbanas também resulta em “ganhos” de escala, nem sempre positivos: mais crimes e casos de gripe e AIDS *per capita*, por exemplo (ver seu TEDTalk em [goo.gl/7F1Jd](http://goo.gl/7F1Jd)).

O escritor e “futurista” Alex Steffen, autor de *Worldchanging 2.0*, argumenta que não é preciso adensar toda a cidade, mas formar “tendas adensadas”, elevando a densidade média da cidade, ao mesmo tempo que cria polos em torno dos quais as pessoas desejem gravitar. Segundo ele, há um limiar de densidade a partir do qual as pessoas passam a optar por deixar seus carros na garagem (ver seu TEDTalk em [goo.gl/vv84z](http://goo.gl/vv84z)). Christopher Leinberger, pesquisador da Brookings Institution, calcula que famílias nos subúrbios americanos gastem cerca de um quarto de sua renda disponível em transportes; famílias de vizinhanças mais densas, em torno de um décimo (ele e outros seis especialistas comentaram sobre a hipótese de se viver sem carro nos EUA em [goo.gl/pM3cM](http://goo.gl/pM3cM)).

O efeito positivo da alta densidade para seus moradores depende de outros aspectos do planejamento físico do território, que incluem: acessibilidade a uma variedade de serviços (restaurantes, livrarias, cafés, pubs, escolas, opções culturais, mercados, lojas etc.), transporte público frequente, e espaços públicos (praças, parques), todos a uma distância apropriada para se chegar a pé.

Ferramentas como Walk Score ([walkscore.org](http://walkscore.org)) e Walkshed ([walkshed.org](http://walkshed.org)) avaliam a “andabilidade” (*walkability*) de uma vizinhança. Maior *walkability* gera um círculo virtuoso: gente na rua torna uma região mais segura, que por sua vez atrai ainda mais gente para circular por lá. O comércio prospera, estimulando novos empreendimentos e a ampliação dos horários de funcionamento, tornando a rua mais iluminada, segura e interessante e, portanto, ainda mais frequentada.

O escritor americano James Howard Kunstler apela para uma noção de “arquitetura cívica”, segundo a qual espaços públicos são não apenas um lugar de encontro dos cidadãos, mas a manifestação física da noção de “bem comum” (ver seu TEDtalk em [goo.gl/5swph](http://goo.gl/5swph)). A boa notícia é que as melhores práticas urbanísticas atendem ao tripé da sustentabilidade, gerando dividendos sociais, ambientais e econômicos. A má notícia é que, de maneira geral, as metrópoles brasileiras ainda estão por adotá-las. Neste ano de eleições municipais, cobremos isso de nossos candidatos.

✦ FABIO F. STORINO É COORDENADOR DE TI E GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CENTRO DE ESTUDOS EM SUSTENTABILIDADE (GVCES).



UFSCIENTIAESTUDIA